

Hortifruti Brasil

Jornal

Uma publicação do CEPEA - USP/ESALQ
Ano 3 - Nº 28 - Setembro de 2004

Tomate: vilão da economia

O Tesouro Nacional espera cobrar, em 2005, o preço médio de 100 toneladas de tomate em 100 toneladas de tomate. De acordo com o setor, a partir de 2005, a partir da mudança de preços, haverá um aumento de preços. O secretário de Economia, Joaquim Levy, disse ao Valor que considera esse objetivo "preludando a possibilidade".

A MP, os investidores das fundações poderão pagar alíquotas decrescentes do Imposto de Renda, que começarão em 10% para as ações antes de 2005 e vão para até 10% nas aplicações por dez anos. A medida aplica também (RIT) para os fundos. Assim, as aplicações das entidades terão o mesmo do IR (Rendimentos Isentos e Não Tributáveis) (RNT) nos rendimentos financeiros. A medida tem o mesmo efeito de cerca de R\$ 500 milhões em 2005. Para Levy, "é preciso avaliar com a cul-

ta que terão que pagar benefícios no longo prazo. Eles se esperava de que os preços não estivessem altos. Hoje estão na casa dos R\$ 20, podem cair para R\$ 10 em alguns meses e subir depois de 15 anos". Levy disse que é preciso pensar a mudança para um cenário de juros mais baixos e os investidores para que os fundos "perdeam" em títulos públicos. "Se a tributação dos juros sobre os títulos de empresas for cobrada no exterior, inda-vidua em reais, há um problema, a grande questão", afirmou o secretário. Página C3

idade para construir uma planta de produção. O empreendimento custará de US\$ 250 milhões a US\$ 300 milhões e deve ficar pronto no fim de 2007. Atualmente, a MBR vende apenas minério de ferro, cotado entre US\$ 22 e US\$ 24 por tonelada. Já o preço das pelotas de ferro chega a US\$ 40 a tonelada. A unidade da MBR produzirá 6 milhões de toneladas por ano e outras companhias, como CSN e Samarco, também têm projetos semelhantes. A CSN deve investir US\$ 330 milhões na sua pelletadora. Página B1



"Inflação do tomate" volta a ameaçar

De São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Rio de Janeiro

A produção recente de tomates brasileiros não está satisfatória, segundo dados da Associação Brasileira de Produtores de Hortaliças (ABRHO). O preço do tomate no mercado (Depois de passar de cerca de R\$ 10 por tonelada em 2003, chegou a R\$ 20 em 2004).

de setembro, diminuiu de 10,2% para 7,1% em 2004. Segundo o IBGE, em 2003, os preços dos alimentos aumentaram 10,2% em relação a 2002. O preço do tomate no mercado (Depois de passar de cerca de R\$ 10 por tonelada em 2003, chegou a R\$ 20 em 2004).

VILÕES DA INFLAÇÃO

Culpar os hortícolas pela inflação mascara os verdadeiros culpados

Requeima



Cena como esta só acontece se você deixar

Programa completo de prevenção à requeima

Uma prática inteligente

Censor™

Antracol® 700 PM

Positron® Duo

Previcur® N

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e no manual. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por pessoas de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônomo.



www.bayercropscience.com.br

Assessoria de Propaganda da Bayer



Bayer CropScience

QUEM É O REAL VILÃO?

Em agosto e no início de setembro, as manchetes dos jornais indicavam: "tomate, batata e cebola são os vilões da inflação e da cesta básica". Segundo o Estado de São Paulo (27/08): "A Fipe reviu de 0,90% para 1% a inflação de agosto na cidade de São Paulo. A principal surpresa foram os aumentos de 26,86% nos preços do tomate, 28,33% na cebola e 23,62% na batata". No mesmo período, o Dieese declarava: "A alta do preço do tomate, que já vem contribuindo negativamente nos índices de inflação, prejudica agora os preços da cesta básica de agosto".

Todas essas notícias podem condenar os hortícolas como inimigos número 1 da economia. Mas, na realidade não são. Os verdadeiros causadores da inflação são produtos que geram altas contínuas de preços, produtos essenciais e que não podem facilmente ser substituídos por outros.

O aumento de preço dos hortícolas é um fato, segundo os próprios levantamentos do Cepea. Mas, todos são efeitos passageiros, provocados não pela alta no consumo (infelizmente), mas por uma quebra na oferta devido ao clima atípico neste inverno. O outro fator que impulsionou a alta nos últimos meses foi o ciclo de descapitalização do produtor que, sem recursos, investiu menos. Dois exemplos claros desta situação são a batata, na safra das secas, e do tomate, no inverno.

Para Paulo Picchetti, coordenador de

um dos principais índices de inflação, o IPC-Fipe, os preços administrados, principalmente as tarifas públicas, são os verdadeiros vilões da inflação (veja entrevista no Fórum). Essas tarifas passaram a levar mais dinheiro do orçamento doméstico, e o pior é que nós, consumidores, não temos como fugir desses aumentos porque são setores com poucos ou nenhum substituto.

Enquanto o noticiário declarava a alta de inflação por causa dos hortícolas em agosto, o Índice Geral de Preços de Mercado (IGP-M) mostrava que sua alta de 1,22% naquele mês também estava relacionada a tarifas, principalmente de energia elétrica (+ 2,44 %) e de telefone fixo (1,85%). Essas, ao contrário, não devem cair com a chegada do verão; já para a batata, a cebola e o tomate, deve haver um aumento da oferta no final do ano e, muito provavelmente, recuos dos preços. Será que a mídia terá espaço para noticiar essas quedas?



Margarete Boteon (esquerda) e Rafaela Cristina da Silva são as organizadoras desta Matéria de Capa.

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/ESALQ

Editor Científico:
Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros

Editora Executiva:
Margarete Boteon

Editora Econômica:
Miriam Rumenos Piedade Bacchi

Editora Assistente:
Carolina Dalla Costa

Diretor Financeiro:
Sergio De Zen

Jornalista Responsável:
Ana Paula da Silva - MTB: 27368

Revisão:
Letícia Macchi

Equipe Técnica:
Aline Barrozo Ferro, Carolina Dalla Costa, Cinthia A. Vicentini, Daiana Braga, Isis N. Sardella, João Paulo B. Deleo, Marcel Moreira Pinto, Margarete Boteon, Rafaela Cristina da Silva, Renata B. Lacombe, Renata E. Gaiotto Sebastiani, Thais Queiroz da C. Mello e Thiago L. D. S. Barros.

Apoio:
FEALQ
Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
Thiago Luiz Dias Siqueira Barros

Fotolitos:
BAU Fotolitos
Fone: 15 3282-5463
baufotolitos@fasternet.com.br

Impressão:
MPC Artes Gráficas
Fone: 19 3451-5600
mpc@mpcgrafica.com.br

Tiragem:
6.500 exemplares

Contato:
C. Postal 132 - 13400-970 Piracicaba, SP
Tel: 19 3429-8809
Fax: 19 3429-8829
hfrasil@esalq.usp.br
http://cepea.esalq.usp.br

A revista **Hortifruti Brasil** pertence ao Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/Esalq. A reprodução de matérias publicadas pela revista é permitida desde que citados os nomes dos autores, a fonte Hortifruti Brasil/Cepea e a devida data de publicação.

ÍNDICE



CAPA 9

VILÕES DA INFLAÇÃO

A **Hortifruti Brasil** mostra que os hortícolas não são os responsáveis pelo aumento da inflação.

FÓRUM 20

HORTÍCOLAS ELEVAM A INFLAÇÃO?

O coordenador do IPC-Fipe, Paulo Picchetti, mostra quais são os verdadeiros responsáveis pela alta generalizada dos preços, enquanto que o professor Sergio De Zen faz uma retrospectiva da inflação no país.

SEÇÕES

Batata

Inverno quente para os bataticultores 5

Tomate

Preços quentes no inverno 6

Cebola

Mais cebola em setembro 8

Banana

Produção maior em setembro 14

Citros

Limão de ouro 15

Manga

Cenário atípico no Nordeste 16

Uva

Vamos à Europa! 17

Mamão

Produção pode aumentar 18

Melão

Mais melão! 19

FRUTIFIO
PRODUTIVIDADE LÁ EM CIMA.

UMA LINHA COMPLETA PARA A FRUTICULTURA.

Arames de Qualidade

BELGO

Belgo Bekaert Arames

0800 - 727 2000
www.belgobekaert.com.br



PIB

Gostaria de saber qual a participação das hortaliças no PIB agropecuário e do agronegócio nacional.

Atenciosamente,

Adriana Pontes

adriana@abcsem.com.br

Infelizmente, não existem cálculos desagregados que considerem isoladamente o PIB dos hortícolas. Para se ter uma idéia da importância do setor no agronegócio, pode-se avaliar a sua participação no valor bruto da produção frente à agropecuária. Por este cálculo, pode-se estimar que os hortícolas correspondem a 6% do valor total da produção agropecuária, com base em estimativas da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) que consideram o faturamento bruto do setor em R\$ 183,6 bilhões em 2004.

INFORMAÇÕES DE QUALIDADE

É com imensa satisfação que envio esta mensagem a vocês, pois a qualidade desta publicação, bem como a riqueza de suas informações estão acima das de qualquer outro periódico do mercado. Vocês estão de parabéns!

Vinícius

vvieira@agrovale.com

Agradecemos pelos elogios à publicação! Para nós da Hortifruti Brasil é gratificante saber que nossas informações contribuem para o crescimento e desenvolvimento do setor. Lembramos também que é graças à participação ativa de leitores como o senhor que conseguimos atingir essa qualidade e riqueza de informações. Obrigado!

Escreva pra gente! - hfbrasil@esalq.usp.br - Hortifruti Brasil - CP 132 - CEP:13400-970 - Piracicaba/SP

Erramos na edição de agosto de 2004, nº 27:

Na capa, o subtítulo correto da chamada é: "Diets que restringem o consumo de hortícolas **estão** trazendo prejuízos para o setor".

No *Índice*, o subtítulo da chamada para a *Matéria de Capa* afirma que "A nova 'onda' de dietas com baixa ingestão de carboidratos pode **causar** prejuízos econômicos ao setor de frutas e depreciar a imagem saudável dos hortícolas".

Na *Matéria de Capa*, a quantidade de tomate considerada na tabela "Conteúdo nutricional dos hortifrutícolas" (pág 12-13) é de **uma unidade média, com 148g**.

Na seção *Cebola* (pág 8), dois trechos precisam ser reconsiderados. O primeiro é no final do item "Safrá escalonada em Minas"; o correto seria: "A oferta **em Minas** deve aumentar em agosto e poderá se manter elevada até meados de novembro". O segundo se encontra no item seguinte, onde o correto seria dizer que os produtores já iniciaram o plantio das lavouras a serem colhidas em setembro e não **colhidos**, conforme foi redigido.

Na seção *Manga* (pág 16), no item "Atacado espera melhora", o correto seria dizer que "Atacadistas acreditam que **as temperaturas mais elevadas** nos próximos meses e a disponibilidade de frutas de melhor qualidade melhorem a comercialização da manga".

Nas últimas edições, o tomate da região de São José de Ubá (RJ) foi erroneamente chamado de carioca. O correto seria chamá-lo de **fluminense**, uma vez que o fruto é produzido no estado do Rio de Janeiro e não na capital.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas nos rótulos do produto. Utilize sempre no equipamento de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um engenheiro agrônomo. Venda sob responsabilidade agronomica. **INDEF**



Inverno quente para os bataticultores

Baixa oferta na safra de inverno deste ano garante novos recordes de preços em 2004



Inverno com preços elevados

No mês de agosto, o volume de batatas disponível no mercado continuou baixo, impulsionando os preços do tubérculo a uma das maiores médias mensais registradas desde o início do levantamento de preços do Cepea, em 2001, e a um novo recorde para este ano. No atacado de São Paulo, a monalisa especial foi cotada a aproximadamente R\$ 60,27/sc de 50 kg, em agosto, valor quase três vezes superior ao registrado no mesmo período de 2003, quando a variedade foi cotada a cerca de R\$ 23,00/sc de 50 kg. A expectativa dos agentes do setor é que o tubérculo se mantenha atrativo até meados de setembro, uma vez que não há previsão de excesso de oferta nacional no período. O calor, por sua vez, pode acelerar a maturação do tubérculo, mas os preços só deverão ser mais pressionados quando a colheita da safra “pós-chuva” de Vargem Grande do Sul (SP) se intensificar.

“Safra” de Vargem Grande

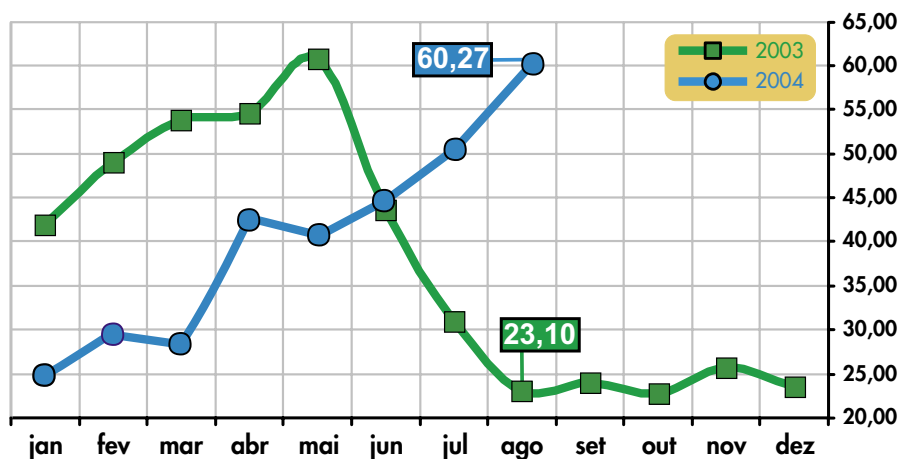
A região de Vargem Grande do Sul (SP) vem disponibilizando batata para o mercado desde a segunda quinzena de julho. Contudo, o volume ofertado ainda é baixo e insuficiente para ocasionar sobras no mercado. Segundo produtores locais, até meados de agosto, de 20% a 30% da área total da região – estimada em aproximadamente 10 mil ha

– havia sido colhida. Isto se deve às chuvas de abril e maio, que atrasaram o plantio na região e, conseqüentemente, a colheita. Assim, a safra de Vargem Grande do Sul deve se dividir em duas: “pré-chuva” e “pós-chuva”, sendo que em cada uma delas o mercado local deve se comportar de forma específica. A colheita do tubérculo plantado antes das chuvas, entre março e abril, corresponde por cerca de 20% a 30% do total cultivado na região. Nessas lavouras houve um gasto elevado com fungicidas, decorrente da incidência da requeima durante o desenvolvimento do tubérculo. Com o cultivo de uma pequena área e diante da menor produtividade ocasionada pela requeima, a oferta se manteve baixa, resultando em preços elevados. Já a safra “pós-chuvas”, cultivada entre junho e o início de julho, responde pela maior parte da área de cultivo da região. A

colheita desta safra está prevista para se iniciar na segunda quinzena de setembro e deve ser bastante concentrada, se estendendo até novembro. Segundo agentes locais, até meados de agosto não foi verificado nenhum problema fitossanitário nessas lavouras.

Troca de safras no Sudoeste Paulista

Em agosto, o Sudoeste Paulista praticamente finalizou sua safra e a oferta da região ficou restrita ao município de Tatuí (SP) que, normalmente, inicia a colheita mais tarde. Com o final da safra das secas, a região volta ao mercado a partir de setembro, quando alguns produtores devem iniciar a colheita da safra de inverno. A área de cultivo desta safra permanece estável em relação ao ano anterior, com aproximadamente 3 mil ha plantados, e a colheita deve se estender até o mês de dezembro.



Preços superam as expectativas em agosto

Preços médios de venda da batata monalisa no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea

Preços quentes no inverno

Oferta baixa e regulada garante altos preços nesta safra



Baixa oferta eleva preços

Entre os dias 01 e 22 de agosto, o preço do tomate salada AA longa vida atingiu a média mais elevada deste ano na ceasa de São Paulo: R\$ 43,59/cx de 23 kg. Este valor é aproximadamente 278% superior ao registrado no mesmo período de 2003, quando o produto era comercializado a R\$ 11,54/cx de 23 kg, em média. A freqüente alta nos preços desta safra, tanto nos atacados quanto nas roças, está relacionada à baixa oferta do produto, ocasionada pela redução da área de plantio em três das principais regiões produtoras do país - Araguaí (MG), São José de Ubá (RJ) e Goianópolis (GO). Outro fator que tem contribuído para a manutenção dos preços em patamares elevados é a regularidade da oferta, de modo que não houve concentração da mesma, nesta safra de inverno. Agora, a grande expectativa é quanto à manutenção desses valores até o final da

colheita. Como a demanda se mantém fraca desde o ano passado, o que deve regular as cotações do tomate no mercado é o volume ofertado. Apesar das temperaturas começarem a se elevar com a chegada da primavera - no final de setembro -, as regiões que estão em atividade no momento já passaram pelo pico de colheita e, portanto, até o final desta safra, as reduções dos preços não devem ser acentuadas.

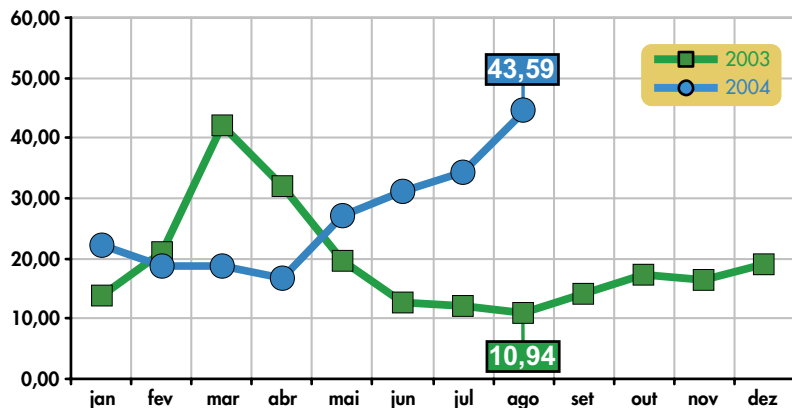
Sumaré está de volta

No final de setembro, a região de Sumaré (SP) deve retornar ao mercado. Durante todo o mês de agosto, os produtores estiveram voltados para o transplântio das mudas que, devido às baixas temperaturas do período, foi prejudicado. Assim, a safra prevista para o início de setembro deverá começar apenas nas últimas semanas do mês. Com relação à área, a estimativa é que tenham sido plantados aproximadamente 2 mi-

lhões de pés, sem qualquer alteração frente ao último ano. A grande preocupação dos produtores paulistas é com a mosca branca, que já causou alguns prejuízos nas roças locais no primeiro semestre, e que costuma apare-

Tomate rasteiro reaparece com força

cer em maior número entre a primavera e o verão, quando o clima é mais quente e seco. Ao longo do mês de agosto, foi verificado um grande aumento na quantidade de tomate rasteiro presente no mercado. Com preços mais atrativos frente ao envarado, muitos produtores do rasteiro destinaram parte de sua produção para o mercado de mesa. Segundo atacadistas, 70% do tomate que entrou na ceasa de São Paulo, nas últimas semanas de agosto, era rasteiro e a maioria de origem goiana. Goiás é o principal estado produtor de tomate industrial. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para a safra de 2004, é esperada uma produção de 773 mil toneladas. A principal vantagem deste tomate, frente ao envarado, é seu baixo custo de produção, que chega a ser 30% menor. A qualidade deste produto (longevidade e tamanho), por sua vez, costuma ser inferior mas, neste ano, de acordo com agentes, está "excelente". Na ceasa paulistana, o rasteiro foi comercializado entre R\$ 20,00 e R\$ 25,00/cx de 23 kg, ao longo de agosto, prejudicando as vendas do tomate salada AA longa vida, que é um produto mais caro. A previsão é que a quantidade do rasteiro presente nos atacados diminua com a finalização da safra de inverno, em outubro.



Tomate registra preço recorde em agosto

Preços médios de venda do tomate AA longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 23 kg

Fonte: Cepea

Se a sua lavoura
é uma caixa de surpresas,
experimente a nossa.



Elaborado com:

Bravonil[®]
ultrex

Amistar

FOLIO GOLD

BASE FORTE gold

syngenta

syngenta

Linha HortiFruti Syngenta

Cultivando confiança do agricultor ao consumidor.

Esta é a caixa do **BASE FORTE Gold**: um programa de controle que engloba três dos melhores fungicidas para a cultura da batata, orientações técnicas e serviços, com forte ação protetora e sistêmica contra as principais doenças em todas as fases da cultura resultando em mais **proteção**, mais **qualidade** e mais **produtividade** para a lavoura.

Fale com o distribuidor Syngenta da sua região.

BASE FORTE Gold, a caixa de boas surpresas para sua lavoura.

Fazem parte do programa **BASE FORTE Gold**:

- AMISTAR, FOLIO GOLD e BRAVONIL ULTREX
- Orientação técnica de um representante Syngenta
 - Calendário para planejamento das atividades
 - Equipamento de proteção individual

ATENÇÃO

Este produto é perigoso: à ação tóxica, irritante e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por pessoas de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo



Venda sob receita agrônoma

syngenta

www.syngenta.com.br

Mais cebola em setembro

Mesmo com a chegada do pico da safra paulista, os preços do bulbo devem se manter elevados

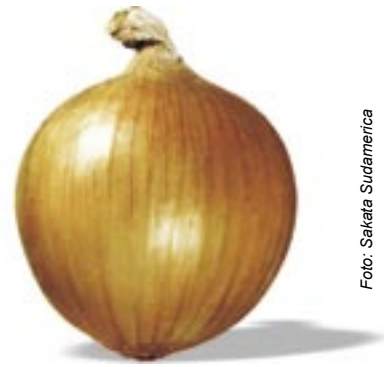


Foto: Sakata Sudamérica



Pico de safra paulista

Em setembro, as regiões de Monte Alto (SP) e São José do Rio Pardo (SP) devem entrar em pico de safra. No final de agosto, boa parte dos produtores de cebola dessas regiões iniciou a colheita, contribuindo com o aumento da oferta local e depreciando os preços do bulbo. Até meados de agosto, o volume de cebola ofertado nas lavouras paulistas se manteve muito baixo, impulsionando os preços do produto a níveis recordes. Neste período, o bulbo foi colhido ainda verde, a fim de suprir a demanda e aproveitar os bons preços. Esse comportamento reduziu o rendimento das lavouras, visto que a permanência do bulbo no campo por um período menor compromete seu desenvolvimento e reduz o peso do produto. Porém, muitos produtores afirmam que os altos preços obtidos no mercado compensaram as perdas na lavoura. Para setembro,

a expectativa é que mesmo com a maior oferta, limitando os preços do bulbo, a cebola seja comercializada a valores relativamente altos e satisfatórios ao produtor, quando comparados à rentabilidade dos anos anteriores.

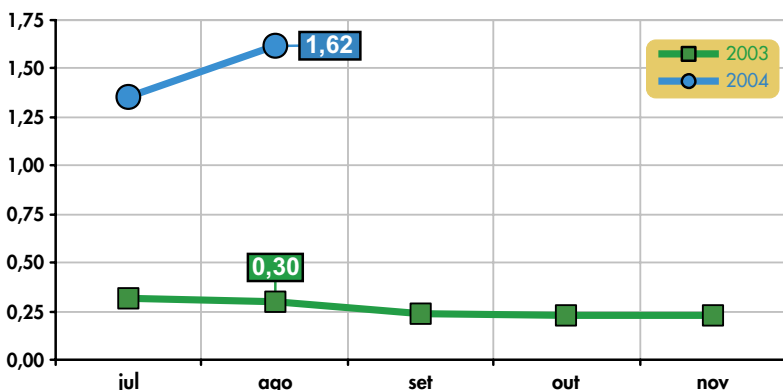
É tempo de plantio no Vale

Apesar dos produtores do Vale do São Francisco terem iniciado a semeadura da safra do segundo semestre em meados de junho, ainda não é possível prever ao certo qual será a área cultivada na região. Agentes locais acreditam que o plantio possa ser um pouco maior ao verificado no mesmo período do ano anterior, uma vez que a boa rentabilidade obtida pelos cebolicultores locais neste ano estimulou o cultivo do bulbo na região. Frente ao primeiro semestre de 2004 – quando chuvas prejudicaram a safra local -, a oferta também deve ser maior. O único inconveniente para os produtores desta região é a expectativa de uma baixa

produtividade neste semestre, a partir de outubro. A região de Irecê (BA) deve ser a primeira a iniciar a colheita do segundo semestre, ofertando uma quantidade significativa do bulbo a partir do final de setembro. A área plantada na região é cerca de 70% menor a do primeiro semestre, mas a produtividade deve ser maior, em virtude da menor incidência de doenças nessas lavouras.

Segue o cultivo no Sul

Neste mês, os produtores do Sul devem dar continuidade ao transplante de mudas. A atividade foi intensificada na região em agosto e a área tende a ser similar à da última safra, visto que, mesmo com a melhor rentabilidade deste ano, a quebra de safra nos três anos anteriores ainda reflete na descapitalização dos produtores locais. No Rio Grande do Sul e no Paraná, as chuvas nos meses de inverno atrasaram o ciclo produtivo da planta, de modo que o transplante deve se estender até meados do mês. Nas lavouras gaúchas, as precipitações também causaram perdas de sementeiras da primeira fase do plantio, mas que já foram compensadas por novos plantios. Apenas no Paraná, a área de cultivo deste semestre pode ser reduzida, já que as baixas temperaturas dos últimos meses prejudicaram o desenvolvimento das mudas. Já em Santa Catarina, o transplante das mudas segue normal e a área plantada no estado tende a se manter.



Cebola paulista 440% mais cara em 2004
 Preços médios recebidos pelos produtores de Monte Alto (SP) e São José do Rio Pardo (SP) pela cebola superex - R\$/kg
 Fonte: Cepea

VILÕES DA INFLAÇÃO

Culpar os hortícolas pela inflação mascara os verdadeiros vilões do custo de vida.

*Por Rafaela Cristina da Silva e
Margarete Boteon*

Ao longo da história da economia brasileira, o processo inflacionário rendeu a fama de “vilão” a diversos produtos do setor hortícola. No governo de Ernesto Geisel (1974 a 1979), o chuchu foi apontado como o causador da inflação, enquanto que no governo de Luiz Inácio Lula da Silva (a partir de 2003), a mídia vem atacando o tomate, que é seguido de perto pela cebola e pela batata nos noticiários.

Em 1977, o então ministro da Fazenda, o economista Mario Henrique Simonsen, utilizou a valorização do chuchu para justificar o aumento dos índices de preços daquele ano, originando a chamada “inflação do chuchu” e mascarando um processo de total descontrole inflacionário que ficaria evidente nos anos seguintes. Naquele período, a inflação já se encontrava na casa dos 40% ao ano e, até 1994, o Brasil apresentou os maiores aumentos de preços praticados no mundo. Em 1990, a inflação superou 1.700% ao ano.

A partir do plano Real, o aumento generalizado dos preços foi reduzido e o assunto deixou de ser destaque das primeiras páginas nos jornais, mas coadjuvantes de outro indicador mais assustador nos dias de hoje: a taxa de juros. Desde 1999, no governo de Fernando Henrique Cardoso, o controle da inflação é realizado através das taxas de



Foto: IBRAF

juros. Quando os termômetros da inflação começam a subir, o Banco Central eleva as taxas de juros, para controlar a alta dos preços.

Na atualidade, acompanhar os índices de inflação e seus reais impactos é importante porque podem causar elevações de juros, que desestimulam investimentos na economia e, conseqüentemente, a geração de empregos.

Apesar de diversos jornais ainda destacarem os hortícolas como causadores da inflação, principalmente aqueles com fortes oscilações de preço como o tomate, não são estes os reais responsáveis pelo aumento do custo de vida do brasileiro. Esta edição, a **Hortifruti Brasil** busca esclarecer a real participação dos hortícolas nas contas do consumidor brasileiro e explicar porque estes não são os vilões da economia brasileira.

SALADA IMPULSIONA INFLAÇÃO?

Várias considerações econômicas devem ser feitas antes de acusar o setor hortícola como “vilão da inflação” na era do Real. Em primeiro lugar, a inflação em um determinado mês é resultado de uma variação média dos preços de vários produtos e serviços, ponderados por sua participação em uma cesta de compras adquirida pelo brasileiro com um determinado nível de renda.

Portanto, o índice inflacionário reflete apenas o aumento dos preços dos produtos de uma cesta pré-estabelecida pelo órgão que a pesquisa e consumida por um grupo determinado de pessoas. Contudo, na prática, cada indivíduo tem sua cesta de compras

própria, atrelada a fatores diversos, como oscilações de preços, disponibilidade de mercadorias e preferência por alguns produtos em determinadas épocas do ano – frutas e hortaliças frescas no verão, uvas no natal etc.

O cálculo do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), por exemplo, é baseado em uma cesta básica fixa, na qual a quantidade de bens consumidos é sempre a mesma, independentemente do valor desses itens. No caso do tomate, o Dieese considera o consumo de 9 quilos do produto para São Paulo, mesmo em períodos de alta de seus preços.

Na prática, porém, é evidente

a substituição deste ou de outro hortícola considerado caro pelo consumidor por qualquer um dos mais de 50 produtos de origem vegetal disponíveis no mercado. A mesma substituição, porém, não pode ser feita com outros grupos alimentícios essenciais à maioria da população, como o arroz, o feijão e os serviços públicos. O índice de inflação ao consumidor divulgado pelo IBGE, o IPCA, também não considera os efeitos de substituição de produtos da cesta que contabiliza. Já a metodologia do IPC-Fipe considera a substituição do consumo de bens e serviços que tiveram aumento relativo de preços por aqueles que ficaram mais bara-

O que as siglas querem dizer:

IPC-Fipe: Índice de Preços ao Consumidor. Calculado pela FIPE/USP.	Mede a variação dos preços de produtos e serviços, no município de São Paulo, para famílias que ganham de 1 e 20 salários mínimos por mês. Na composição do índice, a participação da alimentação é de aproximadamente 23%.
INPC: Índice Nacional de Preços ao Consumidor. Calculado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).	A pesquisa é feita nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, São Paulo, Belém, Fortaleza, Salvador e Curitiba, além do Distrito Federal e do município de Goiânia. Mede a variação dos preços de produtos e serviços consumidos pelas famílias com rendas entre 1 e 8 salários mínimos por mês. O período de coleta de preços vai do primeiro ao último dia do mês corrente e é divulgado aproximadamente após o período de oito dias úteis.
IPCA: Índice de Preços ao Consumidor Amplo. Calculado pelo IBGE.	Realizado nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, São Paulo, Belém, Fortaleza, Salvador e Curitiba, além do Distrito Federal e do município de Goiânia. Mede a variação nos preços de produtos e serviços consumidos pelas famílias com rendas entre 1 e 40 salários mínimos por mês. O período de coleta de preços vai do primeiro ao último dia do mês corrente e é divulgado aproximadamente após o período de oito dias úteis.

Entenda o significado dos indicadores de inflação

Entende-se por inflação o aumento do nível geral dos preços. Para medir a variação nos preços, foram criados os índices de inflação.

No Brasil, existem vários indicadores que apontam as variações dos preços ao consumidor. A diferença entre eles é o período da análise, a faixa de renda da população e a sua correspondente cesta de consumo, além da região geográfica pesquisada. A tabela ao lado apresenta com algumas informações básicas sobre os principais índices de inflação.

tos, sendo capaz de captar o efeito-substituição.

É claro que seria impossível calcular a inflação a partir de informações específicas da lista de compras de cada cidadão brasileiro, mas, mesmo considerando uma cesta básica única, a elevação dos preços dos hortícolas não chega a causar alteração no custo de vida de grande parcela da população por diversos motivos. Primeiro devido à possibilidade de substituição quando um produto torna-se mais caro e, segundo, porque os preços não sobem infinitamente, mas, obedecem à sazonalidade da produção, aumentando em determinados momentos e caindo em outros. Assim, os hortifrutícolas não alimentam processos inflacionários de médio e longo prazo.

Avaliando a inflação de março e abril de 2003, segundo o IPC-Fipe, o índice acumulou no período alta de 1,24%; deste aumento, o grupo da alimentação (que inclui o tomate) participou com 35%, sendo responsável pela

elevação acumulada de 0,43% no período. Já nos meses de maio a julho de 2003, o grupo da alimentação não estava mais em alta; acumulou queda de 0,41% no período e contribuiu para a desaceleração da inflação, que acumulou alta de somente 0,07% nos dois meses.

O tomate participa com 0,23% da formação do IPC-Fipe. O peso dos hortícolas é de 3,6% no índice.

Atualmente, existe uma tendência muito forte para adotar os chamados “núcleos de inflação” que excluem de seu cálculo itens com forte oscilação de preços decorrente, principalmente, de mo-

tivos sazonais. Vários institutos de pesquisa já consideram esse indicador em suas análises.

A motivação de se criar um “núcleo” para a inflação surgiu da necessidade de eliminar, em determinados períodos, a variação de alguns preços considerados não representativos. Isto é importante porque nenhuma política de taxa de juros pode frear os problemas derivados das oscilações climáticas sobre a produção ou mesmo num período de entressafra. Em suma, quanto maior a capacidade do núcleo de eliminar os preços atípicos, melhores as informações que estarão disponibilizadas para a economia como um todo e, em específico, ao Banco Central, a fim de contribuir com o processo de tomada de decisão sobre a fixação da taxa de juros. É comprovado que os preços, em determinados setores da economia, estão mais sujeitos a variações extremas e, portanto, sua exclusão é capaz de tornar o índice de inflação ainda mais eficiente.

POR QUE O TOMATE ESTÁ SEMPRE NOS HOLOFOTES DA MÍDIA?

Por suas características agrônômicas e comerciais particulares, o tomate é um dos hortícolas com maior oscilação de preço. Como conseqüência, o produto vem se destacando como o favorito dos jornais quando o assunto é a “inflação dos hortícolas”. Porém, enquanto sua valorização rende manchete em diversos jornais, a queda de seu preço é explicada, no máximo, em pequenas notas.

No dia 1º de abril de 2003, por exemplo, o Jornal Nacional trazia como manchete: “Tomate: vilão da economia”. A notícia se referia

à valorização recorde do produto entre fevereiro e março daquele ano, decorrente de sua forte escassez no mercado interno, ocasionada pelo calor excessivo nas lavouras nos meses anteriores, que antecipou o final da safra de verão para aqueles meses. De acordo com dados do Cepea, em março de 2003, o tomate salada AA longa vida foi comercializado a cerca de R\$ 42,00/cx de 23 kg no atacado de São Paulo, aproximadamente 150% acima do valor praticado no mês anterior.

Entretanto, nos meses que an-

tecederam esta notícia, a oferta do tomate era tão intensa que o produto foi comercializado ao redor de R\$ 14,00/cx de 23 kg, no atacado paulistano. Em julho de 2003, posteriormente à fama de “vilão”, a entrada de uma nova safra do produto derrubou os preços para R\$ 12,00/cx de 23 kg, no atacado de São Paulo. Esse recuo, contudo, sequer foi comentado pela Rede Globo e teve apenas algumas notas nas últimas linhas dos grandes jornais impressos.

Na realidade, na maior parte do ano, a oferta de tomate é abun-

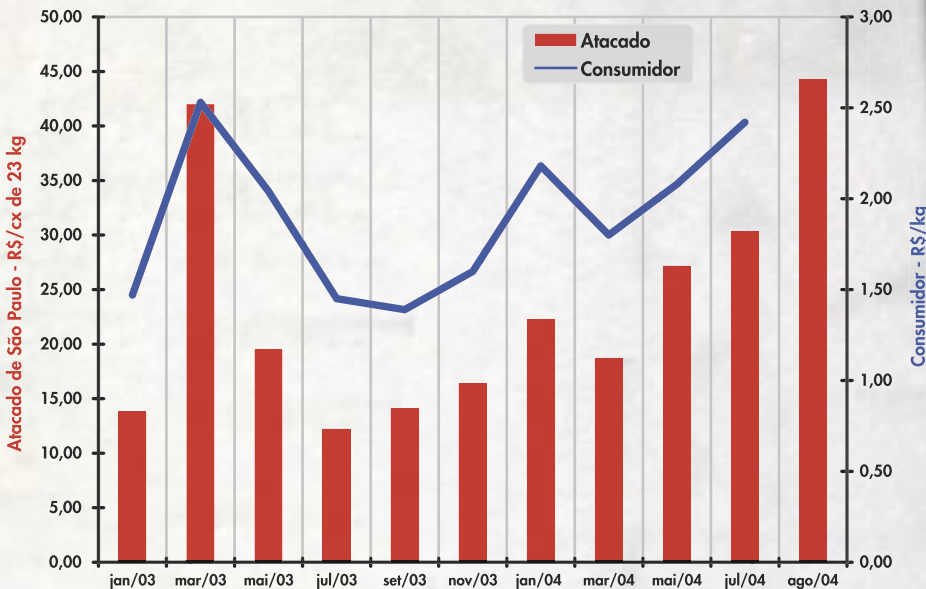
dante e seus preços são acessíveis aos diversos níveis da população. Mesmo quando há escassez do produto, resultando em sua valorização, é possível encontrar no mercado substitutos muito próximos, capazes de suprir as necessidades da população sem elevar seu custo de vida.

O principal fator que ocasiona as contínuas oscilações no preço do tomate são suas características agronômicas, que fazem com que sua produção oscile muito devido a fatores climáticos. Enquanto que em períodos mais frios a maturação do fruto é bastante lenta, chegando a reduzir sensivelmente o volume colhido em algumas lavouras, no calor, a colheita é intensificada, ocasionando aumentos repentinos na oferta do produto. Além disso, a alta perecibilidade do tomate exige dos varejistas a compra diária de um volume razoável e não permite a formação de estoques para antecipar aumentos ou reduções da oferta, que poderia contribuir

para regular os preços.

Uma outra questão, de origem econômica, que reflete em variações constantes no preço não só do tomate mas também dos demais hortícolas é a pouca liberação de crédito governamental aos produtores. Sem o financiamento do Estado, a baixa capitalização ou mesmo a descapitalização desses agentes em uma safra de preços baixos tende a desestimular os plantios e os cuidados fitossanitários necessários à produção do período seguinte, resultando em colheitas menores e, conseqüentemente, na comercialização do produto a valores mais altos. Por outro lado, com a possibilidade de obter financiamento, os produtores poderiam programar safras mais regulares, resultando em menores oscilações de preços. ■

Vai-e-vem do tomate



Fonte: Cepea e Dieese



Jornal

Cebola e batata são vilões da inflação" no mês
(OESP - 24/08/04)

Tomate: vilão da economia
(JN - 01/04/03)

O tomate, o vilão da inflação no mês passado, será o principal fator de alívio neste mês.
(FSP - 13/05/03)

Tomate quase dobra de preço e volta a ser vilão da inflação
(FSP - 10/11/03)

O recuo do IPCA em fevereiro ocorreu principalmente pela desaceleração dos reajustes dos alimentos, de 0,88% para 0,15% com queda de preços de produtos como açúcar refinado (11,06%), tomate (3,71%) e pão francês (0,72%).
(OESP - 12/03/04)

Campo pressiona inflação
(VE - 03/06/04)

No grupo, a maior queda foi a do tomate (39,74), por fatores climáticos.
(VE - 28/07/04)



TOMATE: VILÃO DA INFLAÇÃO

A falsa idéia de que os preços dos hortícolas são geradores de inflação é alimentada pelos meios de comunicação – jornais impressos, televisivos, radiofônicos e on-line –, muitas vezes não-especializados e que todo mês anunciam o índice de inflação com manchetes baseadas somente nas maiores variações dos preços, sem contabilizar sua importância real no custo final da cesta básica e seu efeito substitutivo.

Na tentativa de mostrar que a mídia recorrentemente aponta o tomate como “vilão” da inflação, foram analisadas 260 notícias que relacionavam o índice de inflação a variações de preços de hortifrutícolas, de quatro importantes jornais: o Jornal Nacional, Valor Econômico, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, no período de janeiro de 2003 e agosto de 2004.

Ao analisar esses veículos, foi observado que várias notícias em que o tomate aparecia como “vilão” do custo da cesta básica renderam manchetes. Já em ocasiões em que o preço recuava, o tomate não ganhava tamanho destaque, pelo contrário, o assunto era comentado nas últimas linhas das notícias.

Ao lado, confira algumas das manchetes e trechos veiculados por esses jornais no período pesquisado.

Nota: JN – Jornal Nacional ;
FSP – Folha de São Paulo ;
OESP – O Estado de São Paulo
VE - Valor Econômico

Produção maior em setembro



Com a elevação das temperaturas, as safras de Santa Catarina e do Vale do Ribeira devem começar

Mais banana no Vale

A elevação das temperaturas em setembro deve acelerar o processo de “engorda” da nanica do Vale do Ribeira (SP), resultando em uma colheita maior. O tempo mais quente também pode favorecer a reprodução do fungo causador da *sigatoka negra*, obrigando os produtores a intensificar as pulverizações com fungicidas, o monitoramento da produção e, aumentando as perdas ocasionadas pela desfolha do bananal. Entretanto, esse cenário pode não se confirmar caso o período de estiagem do Sudeste se prolongue. Sem as chuvas, o desenvolvimento do fruto é retardado e a proliferação do fungo, lenta. Em agosto, a nanica paulista foi negociada a cerca de R\$ 9,00/cx de 22 kg, nas lavouras locais, aproximadamente 28% acima dos valores praticados no mesmo período de 2003. Ainda quanto às expectativas para setembro, a oferta da prata litoral deve se manter limitada, devido a sua

entressafra. Espera-se que as melhores condições climáticas estimulem a produção da fruta apenas a partir de outubro, quando começa a safra local. Assim, a prata litoral deve continuar valorizada em setembro, sendo comercializada a valores próximos daqueles registrados em agosto, a aproximadamente R\$ 10,00/cx de 20 kg.

Começa a safra da nanica catarinense

Assim como no Vale, a elevação das temperaturas em setembro deve acelerar a maturação da nanica do norte de Santa Catarina. Os bananicultores da região não esperam por uma safra bem definida neste ano, uma vez que o frio intenso deste inverno atrasou o amadurecimento das frutas, resultando em uma colheita de poucos frutos, nos últimos meses. Essa oferta escalonada, aliada à boa procura pela fruta local no mercado interno - devido ao fechamento do mercado paulista e ao maior

consumo da fruta em setembro, estimulado pela chegada do calor - deve sustentar os preços da variedade. O ponto negativo deste mês fica por conta das exportações para o Mercosul, quando a nanica catarinense deve concorrer com a banana *cavendish*, do Equador.

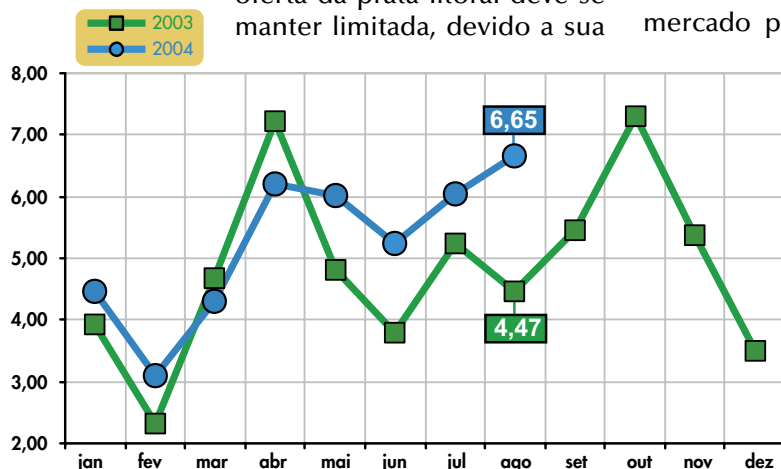


Preços devem reagir no Norte de Minas

O encerramento da safra da prata anã mineira deve impulsionar os preços dessa fruta, em setembro. Segundo produtores do norte de Minas, apesar da oferta limitada, a obrigatoriedade do uso de caixas novas para o transporte da banana pressionou as cotações em agosto. Com isso, a prata anã fechou agosto a aproximadamente R\$ 6,92/cx de 20 kg na região. Em setembro, o aumento da oferta de outras regiões produtoras pode impedir maiores valorizações para a fruta do norte de Minas.

Novos focos de *sigatoka negra*

A *sigatoka negra*, detectada em junho no Vale do Ribeira (SP), foi confirmada em outras regiões no final de agosto. Apesar das diversas tentativas de contenção da doença, o fungo se alastrou por todo o estado de São Paulo, sendo encontrado em 91 municípios, incluindo as praças produtivas de Avaré, Sorocaba, Presidente Prudente e Jales. A disseminação do foco já ultrapassa as fronteiras do sul e norte paulistas. No Paraná, a Secretaria de Agricultura confirmou o primeiro foco na região Sul do país e Minas Gerais, o Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) confirmou a ocorrência de dois focos, um em Gonçalves e outro em Pirangussu, próximos à fronteira de São Paulo.



Menor oferta e boa procura valorizam nanica catarinense

Preços médios recebidos pelos produtores de Santa Catarina pela nanica - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea



Limão de ouro

Quebra da safra do segundo semestre valoriza o fruto no mercado doméstico



Cadê o limão?

Até meados de novembro, a oferta paulista de limão deve continuar bastante limitada devido à quebra da produção do segundo semestre. Isto porque as chuvas de abril e maio deste ano ocasionaram a proliferação do fungo causador da "estrelinha" nos pomares de limão, resultando na queda de boa parte da florada que geraria frutos para o período de agosto a novembro. Assim, os preços do limão devem continuar em alta. Além disso, a expectativa de aquecimento na demanda, decorrente da tendência de temperaturas mais altas a partir deste mês, também deve contribuir com a valorização do produto. No último ano, o pico de preços do limão ocorreu em outubro, quando o tahiti colhido foi cotado a R\$ 16,22/cx de 27 kg, em média. A previsão é de que os produtores do estado de São Paulo voltem a colher um volume significativo somente na segunda quinzena de novembro.

Efeitos de Charley ainda são incertos

No dia 13 de agosto, o furacão Charley atingiu regiões produtoras de citros da Flórida, ocasionando perdas na produção local. Até o fechamento desta edição, o governo norte-americano não havia divulgado informações oficiais referentes aos danos totais ocasionadas pelo furacão. Dados preliminares apontam para a perda de 20% da safra que se inicia em outubro no

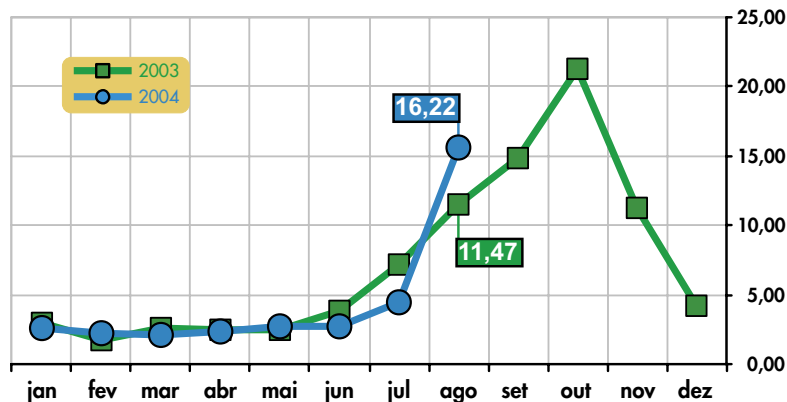
estado. Independentemente das perdas, o presidente Bush anunciou no final de agosto um plano de assistência aos citricultores prejudicados pelo furacão, devendo disponibilizar US\$ 225 milhões a esses agentes. Para o *Florida Citrus Mutual*, entidade que representa os produtores do estado, o auxílio governamental deve ajudar a cobrir os prejuízos no curto prazo. Entretanto, a entidade é enfática ao declarar que a viabilidade da citricultura norte-americana no longo prazo só será possível se o governo mantiver as barreiras tarifárias, principalmente contra o Brasil. De modo geral, os prejuízos causados pelo furacão elevaram as cotações do suco concentrado na bolsa de Nova York, mesmo a possibilidade do país abastecer seu mercado por um semestre com os elevados estoques de suco concentrado produzidos na safra 2003/04. Até o encerramento desta edição, os prejuízos divulgados pelos órgãos oficiais e pela imprensa norte-americana eram preliminares e divergentes. Além disso, havia previsões que outro furacão, o Frances, poderia atingir o estado da Flórida no dia 4 de setembro. Enquanto não forem quantificadas as perdas totais nos po-

mares norte-americanos, não há como prever a reação do mercado internacional diante dos prejuízos climáticos, muito menos se ocorrerá o repasse de possíveis elevações nos preços mundiais do suco aos produtores brasileiros.



IEA eleva estimativa

Em meados de agosto, o IEA (Instituto de Economia Agrícola) confirmou que as boas condições climáticas registradas nos pomares nacionais durante o período final de desenvolvimento do fruto vão resultar na colheita de um volume quase 30% superior ao calculado pela Abecitrus na temporada anterior. O Instituto prevê que a atual safra produzirá 360,7 milhões de caixas. Segundo o banco de dados do próprio IEA, este volume é o segundo maior desta década, enquanto que o primeiro foi registrado em 2002, quando foram produzidas 361,8 milhões de caixas em São Paulo.



Começa a entressafra do tahiti

Preços médios recebidos pelos produtores de São Paulo pelo limão tahiti colhido - R\$/cx de 27 kg

Fonte: Cepea

Cenário atípico no Nordeste

Volume crescente, exportações reduzidas e mercado interno em baixa desvalorizam a tommy



Vendas não acompanham a oferta

Enquanto o volume de manga colhido no Vale do São Francisco vem aumentando desde a segunda quinzena de agosto, os embarques da fruta aos Estados Unidos e, principalmente, à União Européia vêm caindo. O principal motivo para a redução das exportações nacionais foi a concorrência com frutas de outras origens, como Israel, Senegal, México e África do Sul. Além disso, os exportadores se mostram inseguros quanto à efetivação dos embarques, devido à possibilidade de oscilações da oferta e da qualidade da fruta. Outro fator que também vem prejudicando as exportações nacionais é a elevação do custo do transporte marítimo neste ano, que, segundo exportadores, subiu US\$ 1 mil por contêiner, em média, frente a 2003. Em agosto, os valores recebidos pelos produtores nordestinos, pela tommy enviada à Europa, foi de aproximadamente

R\$ 0,57/kg, cerca de 50% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior. Já a fruta destinada ao mercado norteamericano foi comercializada a R\$ 0,78/kg no mesmo período, valor aproximadamente 48% inferior ao de agosto de 2003. Devido à menor remuneração internacional em agosto, a maior parte da fruta colhida no Vale foi direcionada ao mercado interno, ocasionando um aumento de oferta no mercado nacional superior a demanda. Assim, os preços recebidos pelos produtores da tommy, sofreram uma atípica e significativa desvalorização em agosto, ficando a R\$ 0,43/kg, aproximadamente 41% inferior ao do mesmo período de 2003. Agentes acreditam que os preços devem reagir somente a partir de meados de outubro, quando a oferta local deve reduzir.

Preços de exportação caem em 2004

Preços médios recebidos pelos produtores nordestinos pela tommy destinada à exportação, por país de destino - R\$/kg

mês	União Européia		Estados Unidos	
	2003	2004	2003	2004
jun	1,25	1,55	-	-
jul	1,16	1,07	1,56	0,90
ago	1,16	0,57	1,51	0,78
Variação (%) Agosto 2004/2003	-51%		-48%	

Fonte: Cepea

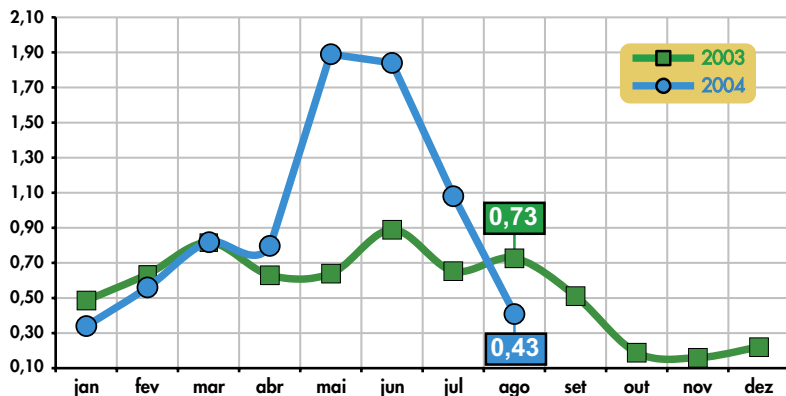
da em Juazeiro (BA) uma biofábrica para combater a mosca-das-frutas, uma das principais pragas da manga e de outras frutas tropicais. A entidade pretende regular a população das moscas através da produção de machos inférteis. Os investimentos para a implementação da biofábrica serão de aproximadamente R\$ 14 milhões e os resultados devem trazer maior qualidade e produtividade às frutas nacionais, além de auxiliar na conquista do mercado asiático e melhorar as negociações com os norte-americanos e europeus.

Boa florada em Monte Alto

Em Monte Alto (SP), os pomares de manga registraram uma boa taxa de floração. Em algumas propriedades da região foram realizadas induções florais, até então, comum apenas nos pomares nordestinos. Assim, produtores paulistas esperam que a oferta de manga na próxima safra seja satisfatória. As primeiras frutas devem ser colhidas no final de setembro, mas somente no início de novembro o volume será expressivo.

Biofábrica favorece produto nacional

Com o apoio dos Ministérios da Agricultura e da Ciência e Tecnologia e dos Governos da Bahia e de Pernambuco, acredita-se que até setembro do próximo ano será instala-



Fonte: Cepea



Lentidão nas vendas desvaloriza a manga nordestina

Preços médios recebidos pelos produtores do Vale do São Francisco pela tommy - R\$/kg

Vamos à Europa!

A quebra da safra nordestina pode sustentar os preços das uvas finas no segundo semestre



Exportações devem começar neste mês

Com a previsão de quebra de aproximadamente 30% na produção nordestina de uvas finas no segundo semestre, frente ao mesmo período do ano anterior, os produtores esperam que os preços da fruta destinada à exportação possam até superar os valores obtidos em 2003. Desde meados de agosto, as atenções dos produtores/exportadores locais estão voltadas ao comportamento da safra da Itália, a fim de projetar o melhor momento para entrar no mercado Europeu. Neste ano, estima-se que a uva italiana deixe de ser comercializada na União Européia no final de outubro e, assim, os *traders* brasileiros planejam iniciar suas exportações logo na segunda quinzena de setembro. Ainda no mercado internacional, os produtores do Nordeste devem dar continuidade aos embarques à Ásia no próximo ano. Os contêineres experimentais enviados à Indonésia no primeiro semestre tiveram boa aceitação e contribuíram para definição da variedade favorita dos asiáticos: a *red globe*. O desafio agora é reunir um bom volume desta fruta entre maio e junho – período ideal para as exportações à Ásia. Como a maior parte dos produtores nacionais colhe a *red globe* somente no final do ano, alguns exportadores contam com a dificuldade de completar as cargas para esse mercado durante o primeiro semestre.

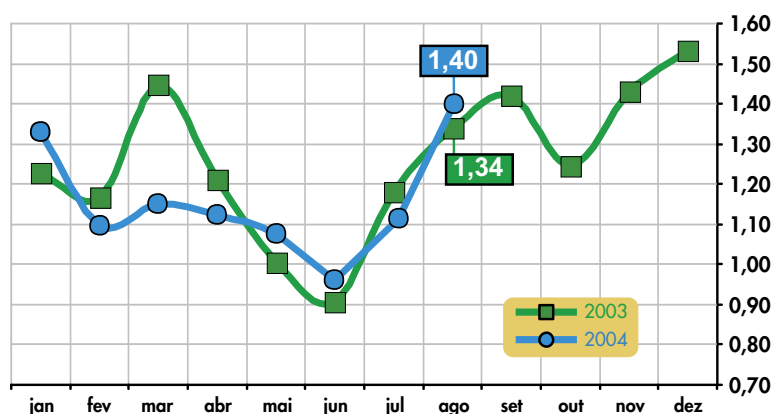
Jales X Mercosul

Em agosto, a região de Jales (SP) manteve os envios de uvas para Argentina e Uruguai. Neste período, as exigências fitossanitárias desses países começaram a se intensificar e o Certificado Fitosanitário de Origem (CFO) passou a ser exigido oficialmente. Apesar da rentabilidade dessas exportações não ser muito superior à do mercado interno, o pagamento à vista atrai muitos produtores. Por outro lado, a exigência quanto à qualidade da fruta é maior e somente as uvas com boa maturação são direcionadas a estes mercados. Em agosto, o preço médio da uva itália local, destinada ao mercado interno, foi de aproximadamente R\$ 1,43/kg, enquanto que as frutas voltadas ao Mercosul foram comercializadas a R\$ 1,70/kg, ambas nas lavouras. A desvalorização da fruta no mercado nacional se deve à oferta de um grande volume de uvas verdes. As baixas temperaturas de julho atrasaram a maturação das frutas, de modo que alguns produtores colheram um volume significativo de uvas com baixo *brix*. A previsão é de que a qualidade melhore a partir de setembro, quando as temperaturas elevadas devem favo-

recer a maturação. A safra de Jales deve entrar em pico de produção a partir da segunda quinzena de setembro.

Pirapora mantém qualidade

De acordo com os viticultores, a qualidade das uvas finas de mesa de Pirapora (PR) continua boa. Neste ano, a melhor programação e o escalonamento da safra local devem refletir em um pico de safra menos intenso que o verificado em 2003 e a maior parte dessas frutas deve ser colhida entre o final de setembro e o início de outubro. No final de agosto, as vendas locais apresentaram pequena retração, decorrente dos preços mais altos praticados na região, frente as demais áreas. A itália local, embalada chegou a R\$ 2,30/kg na segunda quinzena de agosto, ultrapassando os valores médios da itália nordestina, de R\$ 2,17/kg, também embalada.



Preços semelhantes a 2003

Preços médios recebidos pelos produtores pela uva itália - R\$/kg

Fonte: Cepea

Produção pode aumentar

A chegada da primavera deve elevar as temperaturas e estimular o amadurecimento dos frutos



Que venha o sol!

A expectativa dos produtores do Espírito Santo e da Bahia é que o volume de mamão colhido apresente um leve aumento em setembro. Nessas regiões, a chegada da primavera marca a redução do volume de chuvas e a elevação das temperaturas, acelerando, assim, o amadurecimento dos frutos que se encontram nos pés. Entretanto, mesmo que o sol se torne constante, a produção deve se manter atrelada à quantidade de mamões já disponíveis nas lavouras, uma vez que existem poucos frutos disponíveis nos pés. Muitos produtores, além de terem prejuízos com a falta de frutos para vender, ainda enfrentaram problemas decorrentes do ataque de fungos, principalmente da *phytophthora*, ocasionando maiores perdas. Em agosto, as baixas temperaturas resultaram na produção de um volume bastante reduzido nas lavouras do Espírito

Santo, sul e oeste da Bahia. As noites frias dificultaram a maturação dos frutos, de modo que a colheita ficou abaixo do volume observado em julho.



Exportações podem aumentar

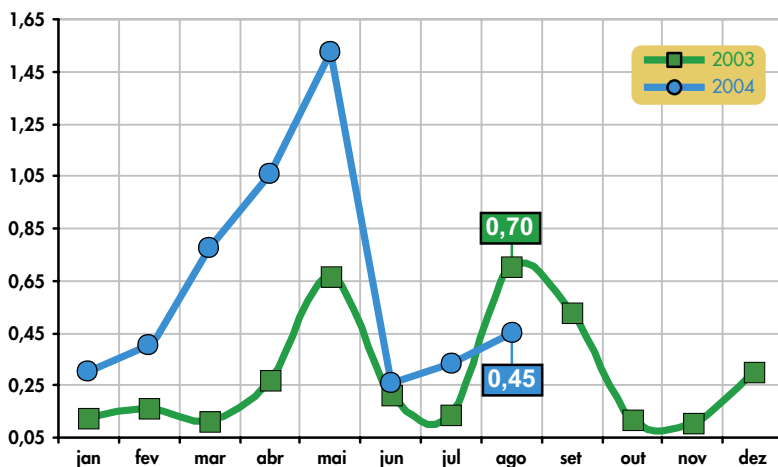
Os exportadores de mamão acreditam que o volume de frutas embarcado em setembro deve aumentar, devido ao provável aumento da produção interna e a menor concorrência com frutas de época no mercado externo, que a partir de setembro terão sua produção reduzida e preços elevados. Segundo dados da Secex, o volume exportado entre janeiro e julho deste ano foi 6% inferior ao embarcado no mesmo período do ano anterior. Os motivos para essa redução estão atrelados à baixa produção nas lavouras brasileiras e à qualidade inferior dos frutos, que não se atingiu os padrões exigidos pelo mercado internacional.

Demanda limita valorização

Mesmo com a colheita de um baixo volume de mamão, em agosto, os preços do fruto não reagiram conforme o esperado pelos agentes do setor. Muitos produtores ofertaram uma grande quantidade de frutos verdes ao mercado, que acabaram "sobrando" nas principais ceasas do país. Além disso, a disponibilidade de outras frutas a preços inferiores tornou o produto menos competitivo, dificultando ainda mais sua comercialização. Desse modo, a pouca oferta superou a demanda pelo fruto e obrigou os atacadistas a realizar promoções para escoar o volume armazenado nos boxes, depreciando ainda mais o valor do mamão.

Havaí X Formosa

Apesar da queda da produção do havaí durante a segunda quinzena de agosto ter valorizado o produto, seus preços ainda se mantiveram abaixo dos registrados para o formosa. Desde o início de agosto, o formosa vem apresentando baixíssimas produções, resultando na valorização dessa variedade. Na primeira quinzena do último mês, o havaí tipo (12-18) foi comercializado a aproximadamente R\$ 0,60/kg, enquanto que o formosa era vendido a cerca de R\$ 1,40/kg, ambos na roça. Nas últimas semanas de agosto, o aumento da produção de formosa depreciou os valores desse fruto, mas, mesmo assim, seus preços se mantiveram superiores aos verificados para o havaí.



Preço sobe, mas não satisfaz produtores

Preços médios recebidos pelos produtores do Espírito Santo pelo mamão havaí tipo (12-18) - R\$/kg

Fonte: Cepea



Mais melão!

A boa demanda do mercado internacional pode estimular novos plantios

Procura é boa

Segundo agentes do setor melonicultor, a área total plantada com melões no Rio Grande do Norte e Ceará, na safra 2004/05, deve ficar ao redor de 11.500 ha. Entretanto, essa quantidade pode ser ainda maior caso a demanda do fruto no mercado externo estimule novos plantios. Os maiores investimentos devem estar concentrados em áreas cultivadas com melões nobres, altamente demandados pelos países europeus. No Vale do São Francisco também deve haver uma pequena produção de melões neste segundo semestre. As perdas registradas nas lavouras do Rio Grande do Norte e Ceará, durante o plantio, estimularam os produtores do Vale a dar continuidade ao cultivo do fruto voltado ao mercado interno. A safra principal do Vale, neste ano, se encerrou em julho com aproximadamente 2 mil ha colhidos.

Acordos futuros

A barreira tarifária é um dos problemas enfrentados pelos exportadores nacionais de melão. Essas tarifas acabam agregando valor ao produto final, prejudicando o giro e a demanda da mercadoria. No caso do melão, segundo os exportadores brasileiros, a União Européia cobra uma taxa de 8,5% sobre o preço do melão nacional. A expectativa de redução ou até eliminação das barreiras tarifárias está depositada na formação

do bloco comercial Mercosul e União Européia. Com a conclusão do acordo, o melão brasileiro poderia ser mais competitivo na União Européia, melhorando a rentabilidade do produtor potiguar, estimulando os investimentos em áreas agricultáveis, aumentando o nível tecnológico da produção e garantindo maior qualidade e durabilidade do fruto. Várias reuniões entre representantes dos dois blocos já foram realizadas, mas nenhum resultado prático a favor do Brasil foi obtido. Dois novos encontros estão previstos para setembro e o prazo final para conclusão do acordo está previsto para outubro.

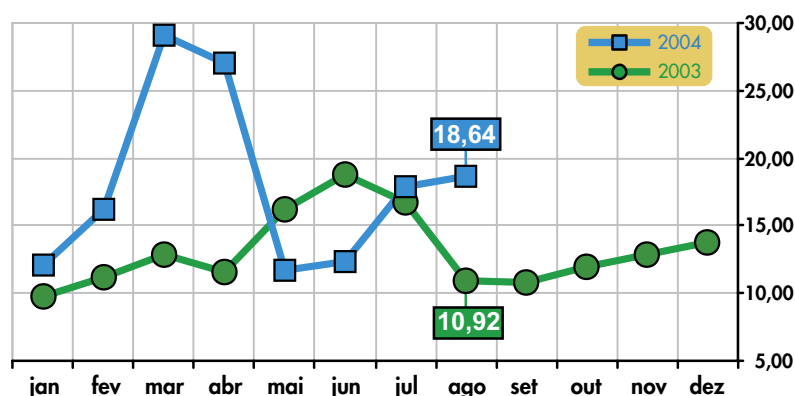


Contratos internacionais

Segundo produtores/exportadores de melão da Chapada do Apodí (RN) e Baixo Jaguaribe (CE), os contratos internacionais feitos entre Brasil e Europa já foram praticamente finalizados.

Contudo, novos mercados como a França estão abrindo portas à fruta brasileira pela primeira vez. Entretanto, a variedade mais consumida neste país ainda é pouco difundida entre os produtores nacionais, trata-se do melão

charrantais, altamente sensível aos tratamentos culturais e com uma pós-colheita bastante exigente. Alguns produtores nordestinos já estão de olho neste novo mercado e pretendem conquistar novos clientes para, no futuro, garantir também as vendas de melão amarelo e outras variedades plantadas no Nordeste. Apesar do amarelo ser a variedade mais difundida no Brasil, em outros países, ela é muito pouco apreciada. As principais variedades comercializadas internacionalmente são o gália *orange*, *netmelon*, *cantaloupe*, e *charrantais* e apenas 5% do total produzido no nordeste, com estas variedades - excluindo o amarelo - é destinado ao mercado interno. A baixa demanda dessas variedades no mercado nacional pode estar atrelada à falta de divulgação desses produtos e a fatores econômicos, visto que os valores dos melões nobres se mantêm acima dos praticados para o amarelo.



Melão nordestino sobe em agosto

Preços médios recebidos pelos produtores do Rio Grande do Norte e do Ceará pelo melão amarelo tipo 6 - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Copea



AS VERDADEIRAS “VILÃS” DA INFLAÇÃO SÃO AS TARIFAS PÚBLICAS

ENTREVISTA: PAULO PICCHETTI

O professor de economia da USP Paulo Picchetti é o coordenador do IPC (Índice de Preços ao Consumidor) da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo). Este índice é muito importante por refletir as alterações de preços do principal pólo consumidor do país: o município de São Paulo, considerando a população com renda entre 1 e 20 salários mínimos.

memória dos consumidores por mais tempo, apesar de tenderem a ser compensados por quedas nos períodos em que a oferta é regularizada. Os verdadeiros “vilões” da inflação são na verdade os preços administrados, principalmente as tarifas públicas. O argumento para isso é claro: o que interessa ao longo do tempo são as variações acumuladas, sendo que as das tarifas públicas são muito superiores

Hortifruti Brasil: *As frutas e hortaliças são as vilãs da inflação?*

Paulo Picchetti: Geralmente, os produtos *in natura* ganham destaque nas análises de inflação devido ao fato de sua volatilidade ser relativamente alta em relação à dos demais itens que compõem os índices de inflação. Entretanto, é preciso lembrar que, para o público em geral, os aumentos chamam muito mais a atenção que as quedas, de forma que ficam na

às observadas para os itens de alimentação, desde o início do plano Real.

Hf Brasil: *Há uma imagem muito negativa do “tomate” como responsável número 1 da inflação? Por quê?*

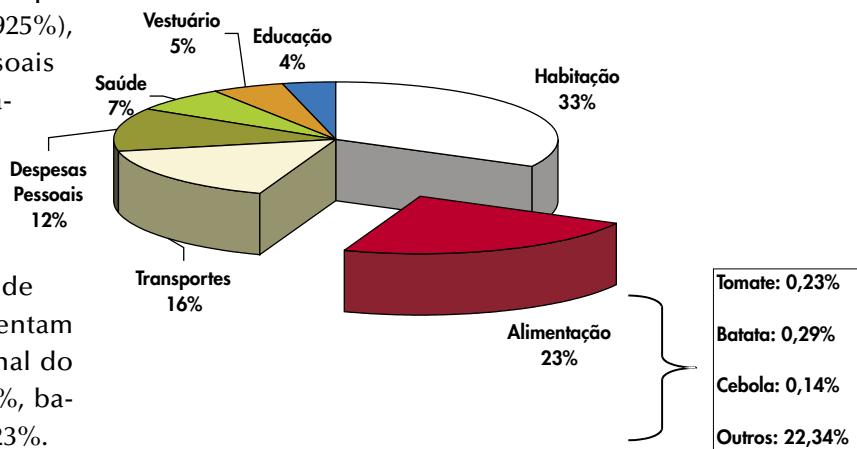
Picchetti: Atualmente, ele é um dos itens que tem apresentado uma alta consistente e, portanto, torna-se um dos principais focos de pressão sobre o índice agregado. Mas, à medida que isso reflete fundamentos de oferta, não considero que o tomate possa ser responsabilizado pela inflação. O papel dos preços em um sistema de mercado é exatamente esse: sinalizar para os consumidores que eles devem pagar mais por um produto à medida que a sua disponibilidade no mercado diminui. O problema é quando esse sinal retro alimenta a inflação através de algum mecanismo de indexação. No entanto, isso não ocorre no caso dos alimentos, cujos preços são “livres” de contratos de reajuste, ao contrário das tarifas públicas, contratos de planos de saúde etc.

Hf Brasil: *No caso do tomate, quando seu preço sobe muito, o que se observa é uma forte retração no consumo porque a dona-de-casa tem mais de 50 itens à sua disposição. Esse efeito substitutivo é considerado no cálculo do IPC ou sua cesta de alimentos é fixa - independentemente da época do ano?*

Entenda qual é a importância dos hortícolas na construção do cálculo da inflação do IPC-Fipe:

A alimentação participa com 22,7305% da composição do índice de inflação IPC-Fipe. Os demais itens são: habitação (32,7925%), transporte (16,0309%), despesas pessoais (12,2985%), saúde (7,0756%), vestuário (5,2893%) e educação (3,7827%). No grupo de alimentação, entre os diversos produtos, os hortícolas respondem por 3,6% do total do índice. Especificamente, as hortaliças de maior destaque no momento apresentam um peso pequeno na construção final do índice: tomate participa com 0,2255%, batata com 0,2939% e cebola com 0,1423%.

COMPOSIÇÃO DO ÍNDICE DE INFLAÇÃO IPC-FIPE



Picchetti: A cesta de alimentos do IPC é fixa, mas isso não significa que o efeito da queda do consumo não seja considerado. Existe uma grande diferença metodológica entre o IPC da Fipe e os demais índices de preços ao consumidor calculados no Brasil, incluindo o IPCA, que serve de base para o sistema de metas inflacionárias. O IPCA considera que quando o preço sobe, existe uma hipótese da quantidade consumida não se alterar. Já o IPC da Fipe é calculado por um modelo que incorpora o efeito de reduções de consumo proporcionais aos aumentos de preços. Existem casos como o saneamento básico que considerar o consumo fixo é bastante razoável.

Hf Brasil: Outra característica muito comum dos hortícolas é a sazonalidade de produção - safra, entressafra, deslocamento da produção devido a questões climáticas, entre outras. Os efeitos de sazonalidade são considerados para compor o índice?

Picchetti: O IPC simplesmente calcula as variações de preços. Em cima dessas variações é possível fazer uma análise de sazonalidade. Também não existe um consenso sobre um método de análise sazonal ideal, de forma que é melhor apresentar ao público o dado que reflete a realidade direta, e deixar a possibilidade de análises adicionais para os interessados.

Hf Brasil: A Fipe calcula o “núcleo de inflação”? Este indicador não seria mais consistente para políticas monetárias do governo, por captar mais efeitos de longo prazo do que sazonalidades?

Picchetti: A Fipe divulga toda quadrissemana, junto

com o IPC, o cálculo do núcleo baseado em uma metodologia conhecida como “componentes dinâmicos comuns”. Eu mesmo defendi recentemente a adoção de alguma medida de núcleo do IPCA como o balizador da meta para o Banco Central, com o argumento que a política monetária não precisaria agir no sentido de evitar os efeitos de choques de oferta sobre o índice que compõe a meta. No entanto, é também uma questão delicada, que passa pela credibilidade do sistema de metas, num contexto em que o cálculo do núcleo ainda pode ser confundido pelo público em geral com a idéia de algum tipo de “expurgo” ou manipulação do índice.

Hf Brasil: O cálculo do “núcleo de inflação” poderia amenizar a imagem dos hortícolas como vilões da inflação?

Picchetti: Essa é essencialmente a função de uma boa medida de núcleo: filtrar as variações de preços que podem ser atribuídas primariamente a “choques de oferta”, em contraposição a variações comuns na maioria dos itens do índice, que podem ser associadas a fundamentos de demanda ligados à condução da política monetária.

Hf Brasil: Como são coletados os preços das frutas e hortaliças para compor o índice?

Picchetti: O IPC da Fipe é um índice de preços para os consumidores finais na região metropolitana de São Paulo e, assim, todos os preços são coletados em uma série de locais representativos de consumo dessa população. No caso de alimentos, inclui feiras, supermercados, sacolões e quitandas espalhados geograficamente por toda a cidade.

“Os verdadeiros ‘vilões’ da inflação são na verdade os preços administrados, principalmente as tarifas públicas. O argumento para isso é claro: o que interessa ao longo do tempo são as variações acumuladas, sendo que as das tarifas públicas são muito superiores às observadas para os itens de alimentação, desde o início do plano Real.”



visite nosso site:

www.zanlin.com.br



CARACTERÍSTICAS

Contentor paletizado para uso geral. Empilhamento compatível com outras marcas existentes no mercado.

APLICAÇÕES

Contentor especial utilizado para horti-fruti e granjeiros, farmacêutica, agricultura, ceasas, supermercados e indústrias em geral.



Fundo da caixa com maior refluxo

ZANLIN Indústria e Comércio de Plásticos Ltda.
Rua Henrique Bego, 100 - Campestre - Caixa Postal 414
Cep 13400-970 - Piracicaba / SP
PABX (19) 3426-7395 / 3426-7396
DDG 0800 770 73 97
caixas@zanlin.com.br

anos
produzindo
qualidade

FARDA, CHUCHU E INFLAÇÃO

O Prof. Sergio De Zen, da ESALQ/USP, faz uma retrospectiva histórica sobre a inflação e recupera a chamada “inflação do chuchu”, um dos primeiros vilões hortícolas da história brasileira. Segundo o professor, num regime de ditadura, a imprensa e a sociedade tiveram que engolir a justificativa encontrada pelo ministro Simonsen para mascarar o descontrole inflacionário que estava iniciando naquele ano.



A inflação é uma das doenças mais graves que uma economia pode apresentar. É um mal que consome a renda dos mais pobres, desestrutura as empresas e cria insegurança. No longo prazo, causa convulsão social e perda de controle econômico. A medição da inflação no Brasil teve início em meados da década de 40, com a Fundação Getúlio Vargas – FGV, que passou a calcular o Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna/IGP-DI.

O aumento dos preços fez (e ainda faz) parte da vida do brasileiro, marcando acentuadamente alguns trechos da história econômica e social do país. O período compreendido entre 1973 e 1974 foi um desses momentos. O país vivia um momento de estranha combinação: euforia econômica e dureza ditatorial na política. O ciclo militar iniciado com o golpe de Estado de 1964 dava aos presidentes plenos poderes. O cidadão comum não votava e não votaria para presidente pelos próximos 17 anos. A economia brasileira crescia a uma taxa média de 7% ao ano.

O ciclo de crescimento econômico foi fruto da combinação entre uma responsável política de ajustes fiscal e monetário executadas durante o governo Castelo Branco, pelos ministros Roberto Campos e Gouveia de Bulhões, e uma conjuntura internacional favorável, de grande oferta de dinheiro farto e barato.

Esse ciclo foi iniciado em 1968 e em 1973 tinha um ritmo muito forte, começando a gerar os efeitos colaterais comuns a tudo que ultrapassa os limites das estruturas de produção. Dentre os principais, a inflação era sem dúvida o mais visível e doloroso. Naquele momento, todos os setores da economia já atingiam o limite de sua capacidade produtiva, logo não havia como manter o ritmo de crescimento econômico, mas o regime somente se mantinha graças a popularidade que a economia gerava. Era preciso sustentar o binômio crescimento e controle da inflação.

O quarto general-presidente preparava-se para assumir e já manifestara a intenção de livrar-se do superministro Delfin Neto, o “czar” da economia que ganhara popularidade com o bom momento de crescimento, embora assumisse posições que despertavam certa desconfiança como, por exemplo, o caso da inflação de 1973, quando os índices oficiais não refle-

tiam a realidade, mas o ministro cumpriu a promessa de inflação de um dígito.

O novo governo assumiu em 1974. O presidente Geisel afastou Delfin e empossou uma dupla muito diferente: de um lado, Mario Henrique Simonsen, um refinado, culto e brilhante acadêmico para a pasta da Fazenda e, de outro, o ministro do Planejamento Reis Veloso, um burocrata de carreira e profundo conhecedor da máquina pública e dos desejos dos generais. Na divisão das tarefas, o segundo ficou com a tarefa de formular um plano de investimento, enquanto o primeiro tinha de controlar a inflação.

As medidas de controle da inflação são impopulares e, portanto, malvistas para o regime militar naquele momento, quando as fissuras internas entre os militares já eram visíveis e as eleições de 1974 marcariam uma grande derrota eleitoral do partido oficial.

O astuto ministro Simonsen, questionado sobre as causas da escalada inflacionária de 1977, que crescia empurrada pelo resto do ano anterior e pelas pressões do ano corrente - passava de 20% ao ano - respondeu que o culpado era o chuchu, que tivera uma safra ruim e seus preços triplicados. Os jornalistas sem poderem expressar as idéias próprias, engoliram a história da “inflação do chuchu” de Simonsen, sem questionar que dentro da cesta de produtos que é utilizada para calcular a inflação, o chuchu nada representa.

Em realidade, o ministro sabia muito bem que os gastos com alimentação representam cerca de 25% da cesta de produtos consumida pelas famílias e os produtos hortícolas pesam muito pouco dentro disso, ficando atrás das carnes, produtos lácteos, massas, arroz e feijão.

Passada a hiperinflação e os mirabolantes planos econômicos dos anos 80, no início da década de 90 e num ambiente democrático, o próprio ex-ministro Simonsen, defendeu uma metodologia onde é separado o “coração da inflação”, cujos produtos sazonais, como os hortícolas, não podem ser considerados nos cálculos. Isto por que o consumo desses produtos sazonais cai à medida que seu preço sobe, de modo que quanto mais caros, menos pesam no cálculo da inflação. Nesta história fica claro que a democracia devolve a inteligência e a racionalidade aos homens. ■

“Os jornalistas (...) engoliram a história da ‘inflação do chuchu’ de Simonsen, sem questionar que (...) o chuchu nada representa.”



Os melhores produtos fazem os melhores resultados!



Dithane*

Stimo*

Pulsor*

Curathane*

Persist*

Systhane*

Lorsban*

**Lorsban*
10G**

Tracer*

Karathane*

Fungiscan*

Ag-Bem*

Kelthane*

Verdict R

Intrepid*

Mimic*

Sabre*

Harpon*

**Kit
Duo Dinâmico**



* Marcas Registradas de Dow AgroSciences Eco Comunicação

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um engenheiro agrônomo. Venda sob receituário agrônomo.



“Vaccine” sua cultura com Curzate® BR.



Curzate® BR age como se fosse uma “vacina” contra a requeima, na batata e no tomate, e contra o míldio, na uva e na cebola:

- Curzate® BR favorece o reconhecimento do patógeno, ativando os mecanismos de resistência naturais da planta.
- Curzate® BR age dentro da planta.

DuPont
Curzate®

Proteja seu investimento.
Em cultura “vacinada” com Curzate® BR,
a requeima e o míldio não entram.

ATTITUDE
100%
DuPont
Seja Especial. Seja 100% Atitude.

DU PONT

*Os milagres da ciência**

ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônomico.



0800 701-0109

Tele DuPont
AGRICOLA
0800-707-5517
Ligação gratuita de todo o Brasil